
Presença e contribuição dos afro-descendentes no município de Caxias do Sul – 1875 a 1950

Presence and contribution of African descent in the city of Caxias do Sul – 1875 to 1950

*Lucas Caregnato**

Resumo: A presença de afro-descendentes no Município de Caxias do Sul e suas relações com os imigrantes europeus é um assunto pouco estudado, sendo que a análise desse tema trará melhor compreensão acerca da história regional, percebendo que os negros contribuíram e estiveram presentes em diversos setores da sociedade caxiense. A historiografia acerca da região serrana do RS tem sido direcionada para o estudo da presença de imigrantes italianos, relegada a um segundo plano a contribuição dos negros. Para preencher essa lacuna histórica, esta pesquisa pretende analisar a inserção e a contribuição de afro-descendentes na indústria, no lazer, na religiosidade e em núcleos de sub-habitação no Município de Caxias do Sul, entre 1875 e 1950.

Palavras-chave: Imigração. Negros. Caxias do Sul.

Abstract: The presence of African descent in the city of Caxias do Sul and its relations with European immigrants is a subject little studied, and the analysis of this theme will bring better understanding of regional history, realizing that blacks attended and contributed in various sectors of society caxiense. The historiography on the highlands of the RS has been directed to study the presence of Italian immigrants, was relegated for a second plan, the contribution of blacks. To fill this historical gap, this research intends to analyze the inclusion and contribution of African descent in industry, leisure, religion and sub-units of housing in the city of Caxias do Sul, from 1875 to 1950.

Keywords: Immigration. African descent. Caxias do Sul.

* Mestrando em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Bolsista da Capes.
E-mail: lucarato@gmail.com



Ao analisar a presença de afro-descendentes no Município de Caxias do Sul, durante a primeira metade do século XX, torna-se necessária uma investigação sobre a formação política, econômica e populacional da Colônia Caxias, conhecida, inicialmente, como *Fundos de Nova Palmira*. (Herédia, 1997, p. 39). A região foi povoada por imigrantes europeus, italianos em sua maioria, que tiveram, na política de terras do governo federal, pela Lei 601, de 1850, sua *mola propulsora*. O sistema de terras instalado foi o de glebas contínuas cujos módulos variavam entre 25 e 35 hectares. Cerca de cinco mil famílias de colonos foram estabelecidas nas 32 Léguas em quadro da região. “Das Colônias Caxias com 2.700 lotes, Dona Isabel e Conde d’Eu com 5 mil lotes entre ambas.” (GIRON, 1977, p. 50). Os lotes colocados à venda foram rapidamente vendidos, o que significou que a ocupação foi feita em menos de uma década. As terras foram trabalhadas e, em breve tempo, as colheitas das culturas permanentes surtiram efeitos, sendo que, nos três primeiros anos, foram feitas colheitas permanentes e, em menos de um ano, colheitas temporárias.

As colônias agrícolas foram organizadas a partir do trabalho familiar e, de forma rápida, conseguiam abastecer a economia familiar e, ainda, com o excedente da produção, entraram no mercado. As novas colônias e os colonos atraíram comerciantes de outras regiões do Rio Grande do Sul, pois a vinda de milhares de imigrantes constituía um grande potencial de consumo. Os contratos firmados entre o governo provincial e os comerciantes previam a troca dos vales, recebidos pelos colonos, do governo, para sua alimentação, por gêneros alimentícios. Os comerciantes habilitados por contratos firmados com o governo deveriam fornecer os produtos necessários para a alimentação dos colonos. O comércio começa, assim, com a chegada dos primeiros imigrantes em 1875 e, logo a seguir, o comércio é incrementado pela chegada de produtos agrícolas colhidos pelos colonos e que abasteciam o mercado provincial.

Com o sucesso da ocupação das terras, postas à venda nas colônias, novas frentes foram abertas pelo governo, ultrapassando a barreira do rio das Antas. A indústria na região levou algum tempo para ser organizada antes da industrialização. Os imigrantes buscavam no artesanato e na manufatura um modo de suprir suas necessidades básicas. Selarias, ferrarias e funilarias, olarias foram criadas com tal propósito e com o passar do tempo, as antigas colônias se emanciparam, e novas colônias foram sendo organizadas pelas iniciativas pública e privada, para abrigarem o crescente número de colonos em busca de terras. Tal mercado foi a primeira forma



de acumulação de capital na região. O comércio das terras devolutas e das sesmarias postas à venda, movimentava grande capital, o que levou mais tarde os colonos a organizarem uma centena de companhias de colonização. O capital proveniente do comércio das terras, na maior parte, foi replicado na terra.

Com a emancipação das colônias, a organização da economia se tornava mais complexa. Em 1884, a Colônia Caxias foi emancipada, tornando-se o Quinto Distrito de São Sebastião do Caí e, em 1890, tornou-se município autônomo.

Ao longo das últimas décadas do século XIX, percebe-se uma lenta e gradual organização populacional de imigrantes na Colônia Caxias, os quais, mediante técnicas agrícolas, em pequenas propriedades rurais, vão alicerçando as bases para as relações comerciais entre colonos e, posteriormente, por meio do excedente financeiro; a partir de 1920, organizam um sistema industrial com bases sólidas, que definirão Caxias do Sul como um dos principais polos metal-mecânicos do País.

A política imigratória desenvolvida no século XIX tinha como intenções o desenvolvimento econômico brasileiro, por meio de um sistema, que permitisse a industrialização do Brasil. Isso se opunha ao regime escravista, presente em solo brasileiro, desde o início do século XVI, unido ao latifúndio e à monocultura. Desenvolver a economia de um país, sobre os moldes capitalistas, não se mostrava uma tarefa tão difícil em um país com extensões continentais, rico em recursos naturais, com clima ameno e terras disponíveis. O fator principal – que atrapalhava essa intenção – era o trabalho escravo africano, que colocou o Brasil como último país a abolir a escravidão no Ocidente. Conforme Giron,

a imigração posta em contraposição com a escravidão ganha nova dimensão, que a explicação política não tinha condições de perceber. A imigração percebida como parte de uma questão infra-estrutural deixa a esfera da explicação política para avançar em direção à explicação socioeconômica. (1999, p. 121).

Unido a esse anseio, o de um novo modelo e sistema econômico para o Brasil, balizado pelo trabalho assalariado branco, a classe dominante brasileira percebe que a presença étnica e cultural do negro poderia trazer prejuízos a esse prenúncio de novos tempos, já que esses viviam sob um regime de coisificação e, segundo o olhar da classe dominante, dificultariam a mudança necessária à sociedade brasileira.





A união desses fatores desencadeia subsídios do governo imperial brasileiro a serem dados ao sistema imigratório. Segundo Gorender,

a grande imigração européia, ocorrida entre 1880 e 1920, serviu de motivo, na elite dirigente do país, para sustentar a tese sobre a vantagem do branqueamento da população. Ao mesmo tempo, parte significativa da elite pensante se inspirava em teses pseudocientíficas para sustentar considerações racistas. (2000, p. 56).

Como Gorender afirma, a lógica do branqueamento serve como estímulo à classe dirigente brasileira, que aprimora ainda mais a lógica de exclusão e coisificação do escravo africano. Esse fator colocou o imigrante europeu italiano numa situação de destaque, já que estava inserido no modelo biológico adequado às intenções do Império. Esse destaque é perceptível na mídia, na religião e na própria historiografia, que se voltam aos interesses da classe dominante, destacando a presença do grupo social de maior destaque: os imigrantes europeus.




Apesar de não ser o objetivo deste trabalho, cabe desmitificar, aqui, a unanimidade de imigrantes italianos na antiga Colônia Caxias. O quadro 1 mostra os quatro primeiros anos do processo de colonização da Colônia Caxias, que, desde seu início, teve forte presença de colonos de diversas nacionalidades, o que denotaria a essa uma diversidade na formação étnica e nacional da população que formou inicialmente a colônia.

Quadro 1– Nacionalidade dos imigrantes que chegaram na Colônia Caxias, entre os anos de 1875 e 1878.

ANOS	1875	1876	1877	1878	TOTAL
ORIGEM			Nº DE FAMÍLIAS		
Alemães	1	60	31	4	96 2,99
Austríacos	44	126	10	1	191 5,95
Belgas	–	–	1	–	1 0,03
Espanhóis	10	4	–	–	14 0,43
Franceses	8	5	7	–	20 0,60
Indígenas	2	–	–	–	2 0,06
Ingleses	–	2	–	2	4 0,12
Italianos	102	2.233	101	345	2.781 86,77
Poloneses	–	–	16	–	16 0,49
Russos /Alemães	–	37	40	–	77 2,40
Suíços	–	1	2	–	3 0,09
Total	167	2468	208	352	3205


Fonte: Gardelin; Costa (1993)

Conforme os dados acima, é possível concluir que, se há predomínio de algumas etnias, essas se sobrepõem na constituição da população na Colônia Caxias, porém não é possível ignorar a presença dos demais imigrantes, que não serão excluídos pela Comissão de Terras, mas colocados ao lado dos imigrantes de maior predominância. Esses não ficarão à margem do desenvolvimento, misturando-se no dia a dia, nos negócios, nas sociedades e até na constituição de famílias. Sendo assim, não é possível ignorar sua presença, bem como sua contribuição para o desenvolvimento da região. Configuram-se, pois, essas colônias não mais como hegemônicas italianas, ou de outra determinada etnia, haja vista perceber-se a presença, desde a fase inicial, de afro-descendentes. Manfroi explica:




A distribuição de diferentes nacionalidades numa mesma colônia deveria favorecer, segundo as autoridades, uma integração mais rápida dos estrangeiros na vida sócio-cultural do país. Assim, nas antigas colônias italianas, o governo instalará colonos de diversas nacionalidades, mas a predominância numérica foi tão importante que toda essa região tornou-se com o tempo, uma área cultural italiana. (MANFROI, 1975, p. 125).

Com o passar do tempo e com o desenvolvimento industrial da região, os imigrantes e seus descendentes acabam se tornando o grupo dominante dos meios de produção da cidade. Isso favorece um sentimento de dever cumprido, no sentido de que a imigração obteve êxito, tornando a cidade de Caxias do Sul, já nas primeiras décadas do século XX, industrializada e repleta de casas de comércio. Porém, os afro-descendentes, apesar de fazerem parte do processo produtivo da região, desde seus primeiros anos, sofreram alguns estigmas. Estes, cotidianamente, eram referidos com adjetivos pejorativos, como: *scorsí*, *ladri*,¹ entre outros.



Apesar de a Colônia Caxias e as demais colônias imigratórias do Rio Grande do Sul não terem desenvolvido trabalho escravo no seu espaço físico, os contatos com negros forros, libertos, fugidos ou mulatos não foi menos importante. Porém, com o tempo, a ideologia (racista presente na sociedade brasileira), e por seu longo sistema escravocrata, foi se incutindo na mente dos imigrantes, e esses criaram um estereótipo depreciativo a partir da figura do afro-brasileiro. Como aponta Telles,



o preconceito envolve julgamento ou imagem mental que as pessoas têm a respeito umas das outras, com base em atributos como raça, gênero; o que é chamado de estereótipo. Julgamentos estereotipados são uma resposta humana comum nas interações humanas onde há pouca ou nenhuma informação disponível sobre os outros, mas podem também persistir após serem conhecidas informações adicionais sobre um indivíduo. (2003, p. 237).

Um dos primeiros relatos entre afro-brasileiros e imigrantes italianos ocorreu, com uma imigrante chamada Ana Maria Pauletti Rech e uma pequena criança negra, que fora deixada na porta de sua casa. Oriunda da cidade de Padavena, *Ana Rech*,² como era conhecida, tornou-se muito popular entre os imigrantes por desenvolver diversas funções na comunidade, como “parteira, comerciante, benzedeira, entre outras



atividades, e também, sua casa servia de pouso para os tropeiros” (GIRON, 2008, p. 287-288), que rumavam para os Campos de Cima da Serra.

Essas relações comerciais e solidárias de Ana Rech com os colonos e pessoas que vinham de outras regiões,³ e entre esses estão os negros, podem ter sido fatores que auxiliaram essa relação de confiança e proximidade, que resultou no fato de ter sido deixada uma criança negra na porta de sua casa. Gardelin e Costa afirmam que,

na noite do dia 19-10-1881, pela meia noite, escutaram-se vagidos de criança. Todos deviam estar na cama, a sono solto. Lembremos que não havia iluminação e era costume recolher-se cedo, para acordar também cedo, para as tarefas de um novo dia. Os vagidos continuaram. Abriu-se a porta e encontrou-se uma pretinha, de poucos meses de idade [...]. Quando a criança demonstrou que tinha resistência, deixou-se a colônia da VIII Légua e partiu para a Sede Dante. (1992, p. 123).

Cabe salientar que, naquela época, a escravidão ainda ocorria no Brasil, tendo sido abolida apenas em 13/5/1888.⁴ E, apesar desse sistema econômico não estar presente na Colônia Caxias, nos Campos de Cima da Serra e nas fazendas de criação de gado, verificava-se presença significativa de mão de obra negra e escrava, nas lidas do campo. Nesse sentido, percebe-se que possíveis contatos entre imigrantes italianos e negros livres e escravos podem ter suscitado uma relação de proximidade e semelhança, que resultou no fato de uma mãe negra, possivelmente escrava, ter deixado sua filha na porta de uma imigrante chegada ao Brasil em 1877, chamada Ana Rech.

Esse fato demonstra a singularidade das colônias de imigração no Rio Grande do Sul, onde não houve uma substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre e assalariado, já que o trabalho escravo era proibido. Ao contrário dessa realidade, nas fazendas de café paulistas, essa relação de substituição de mão de obra escrava pela livre, o imigrante submeteu esses dois grupos a posições opostas: imigrantes acabaram tomando o espaço dos escravos. Essa situação gerou constantes crimes e uma ação de rivalidade entre esses grupos étnicos, diferentemente, do caso gaúcho.

Essa situação diferenciada, ocorrida no Rio Grande do Sul pode ter contribuído, num primeiro momento, para relações amistosas entre imigrantes e escravos e negros livres, possibilitando até contatos mais íntimos como é o caso citado acima.



Porém, com o passar do tempo e com o desenvolvimento econômico da região, essa situação tendeu a mudar. Os imigrantes italianos, que inicialmente desenvolviam uma economia ligada à agricultura e ao minifúndio, aos poucos, se voltam ao comércio e, com o excedente comercial, surgem as primeiras indústrias. É nesse momento que os resquícios de uma sociedade, que, por mais de trezentos anos balizou-se economicamente no trabalho escravo, ressurgem, isso porque o poder econômico da região, pelos meios de produção, acabou ficando nas mãos de uma pequena elite de imigrantes italianos, e coube ao restante da sociedade e, dentro dessa os negros que viviam na região, postos inferiores na sociedade.

Mas, sem dúvida, um fator importante, que foi fundamental na vinda de afro-descendentes para a Colônia Caxias foi a inauguração da estrada de ferro em 1910, que ligava os Municípios de Caxias do Sul e Montenegro e, conseqüentemente, Montenegro e Porto Alegre. A empresa que construiu a malha ferroviária foi a empresa belga *Compagnie Auxiliaire des Chemins de Fer au Brésil*. Essa empresa belga ganhou uma concorrência, aberta pelo governo federal, para a construção de estradas de ferro gaúchas. (DEBENETTI, 2006, p. 57).

Na época da construção das estradas de ferro, constata-se em fotos um número significativo de negros trabalhando. Giron aponta:

Em Forqueta se formará uma pequena vila com negros que trabalhavam na estrada de ferro. Tanto que o Clube União Forquetense tem o símbolo de duas mãos entrelaçadas, significando um aperto de mão entre um branco e um negro.⁵

Efetivamente, a inauguração da primeira estrada de ferro seria um marco no desenvolvimento caxiense, já que significava a melhor e mais rápida forma de deslocamento entre o município e a capital do estado, o que possibilitava a entrada e a saída de produtos, dinamizando a economia, juntamente com a vinda de pessoas de várias partes do estado em busca de melhores condições econômicas.

Figura 1 – Grupo de pessoas não identificadas. Vê-se um tropeiro – Caxias do Sul, 1910



Fonte: Coleção do fotógrafo Domingos Mancuso. Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

Foi nessa antítese social que afro-brasileiros se inserem na antiga Colônia Caxias, uma localidade em que os meios de produção estavam nas mãos dos imigrantes e de seus descendentes, cabendo aos afro-brasileiros postos específicos no mercado de trabalho.⁶ A esses, restavam uma situação de pobreza e a ocupação de núcleos de sub-habitação, já que não haviam recebido terras e lotes para se fixarem e, principalmente, uma realidade: a de que suas características físicas e culturais não eram bem-aceitas pela classe dominante da cidade. Isso pode ser visivelmente constatado em notícia veiculada no jornal *O Popular*.

Figura 2 – Jornal *O Popular*, de 1º/3/1929

OS MYSTERIOS DO CONTINENTE NEGRO!

Quasi toda a gente dá preferencia ás pelliculas de assumptos naturaes. Por saber disso foi que o **CENTRAL** – sempre empenhado em bem servir aos seus distinctos habitués – mandou vir os **MYSTERIOS DO CONTINENTE NEGRO**. Nalle iremos apreciar:


- O Deserto do Sahara, vendido após seculos de mysterio.
- A decifração das esfinges do Egypto.
- A caça ao leão, e suas peripecias, em plena selvas.
- Raças indigenas até ha pouco desconhecidas.
- Os sacrificios bizarros das mulheres africanas.
- Torneios sportivos e jogos olympicos nos sertões fechados.
- A origem do Charleston e do Shymmie.
- Authenticos batuques e sambas, em trajas „batacian“

APEZAR DO SEU ALTO CUSTO, ESSA PELLICULA SERA' FOCADA AOS PREÇOS DO COSTUME

TERÇA-FEIRA DIA 8 DE JANEIRO

Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.


Fica perceptível, nessa notícia divulgada pelo jornal *O Popular*, o convite para que o povo assistisse a um filme no Cinema Central, intitulado: “Os Mysterios do Continente Negro!”, e que existia a intenção de formar uma visão equivocada e preconceituosa sobre o continente africano, os povos e as etnias oriundas da África, porque a imagem apresenta um indivíduo com características de índio botocudo do Brasil e não de africano. Também, em vários momentos, se mostra sensacionalista, repassando uma visão alegorizada e parcial do *continente negro*, que é como a notícia conceitua o continente africano. Definindo ações de segregação e racismo, Ianni aponta:




A ideologia racial dos que discriminam, dos que mandam, os quais podem ser “brancos” ou outros, sintetiza e dinamiza a intolerância, a xenofobia, o etnocismo, o preconceito ou o racismo. É a ideologia racial que articula e desenvolve a gama de manifestações, signos, símbolos ou emblemas com os quais indivíduos e coletividades “explicam”, “justificam”, “racionalizam”, “naturalizam” ou “ideologizam” desigualdades, tensões e conflitos raciais. (2004, p. 21).

O jornal abordado, assim como tantos outros, presentes na Colônia Caxias, na primeira metade do século XX, estava nas mãos da elite caxiense e, dentre esses integrantes, havia imigrantes italianos e lusos integrando a “nata” local.

O jornal *O Popular*, fundado em 1928, tendo perdurado até 1930, tinha uma linha editorial pró-Vargas,⁷ porém não se diferenciava dos demais jornais, no sentido de formular padrões sociais e contribuir para a formação de estigmas e preconceitos, com relação a etnias diferentes, como é o caso dos afro-brasileiros. Pozenato e Giron lembram que



a concentração dos periódicos em Caxias demonstra que nesse município reuniu-se um grupo altamente politizado e, ainda, que havia dinheiro e meios para a elaboração de jornais. Sendo uma comunidade próspera, podia utilizar-se dos jornais para a divulgação de seus negócios. (2004, p. 84).



Segundo essas autoras, os jornais tinham funções voltadas às questões econômicas e políticas, porém, se ressalta que, intrinsecamente a essas questões, estavam interesses culturais e étnicos desses grupos, formatando padrões e servindo de interesse à elite, que tinha interesse em apresentar um padrão cultural que não incluía os afro-brasileiros. Logo, eles eram apresentados e noticiados de forma depreciativa.

Considerações Finais

A compreensão da história regional implica um olhar abrangente que contemple a diversidade cultural e étnica presente nesse espaço. No caso específico de Caxias do Sul, ao nos debruçarmos sobre esta pesquisa, que visou a analisar a presença dos afro-descendentes, percebeu-se o quão salutar foi sua contribuição na construção econômica, via mercado de trabalho, em seus diversos setores.



Percebe-se que a presença de afro-descendentes não foi irrelevante na história caxiense. Além da presença efetiva de mão de obra negra nos mais variados campos de trabalho, esses estiveram presentes em espaços de lazer, religiosos, entre outros, que expressavam traços e características culturais.

Ao longo das décadas pesquisadas, percebe-se que os negros contribuíram arduamente com história regional: no calor das caldeiras que fundiam o metal, no peso do picão que abriu estradas e na confecção dos trilhos do trem, nos batuques e cultos religiosos de matriz africana, nos campos de futebol e nos desfiles de carnaval. A presença do negro, portanto, denota uma participação íntima e significativa no desenvolvimento e na prosperidade caxienses.



Notas

¹ Termos pejorativos do dialeto vênето que significam: *sujo* e *ladrão*. Eram utilizados de forma pejorativa para se referirem aos afro-descendentes.

² Disponível em: <http://www.caxias.rs.gov.br/novo_site/distrital/apresentacao.php?codigo=2>. Acesso em: 29 maio 2009.

³ Segundo Alves, parte dos tropeiros que vinham para Caxias do Sul eram de origem luso-brasileira e afro-brasileira. Esses contatos geraram elos de confiança e amizade entre essas diferenças etnias, tendo na figura de *Ana Rech* uma catalisadora dessas relações.

⁴ Naquela data, a Princesa Isabel, filha de Dom Pedro II, assinou a Lei Áurea, que

dava liberdade a todos os escravos, porém não criava nenhuma ação de reparação, nem de inclusão desses ex-escravos na sociedade.

⁵ Cfe. Depoimento concedido ao autor, em 3 maio 2009.

⁶ Segundo Lazzaroto, na obra *Pobres construtores de riqueza* (1981), nas empresas metalúrgicas, como era o caso da Abramo Eberle, cabiam aos negros postos específicos na produção, como a fundição, que exigia maior esforço físico.

⁷ Fonte: Banco de Dados do Projeto “100 anos: os meios de comunicação na Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul”.

Referências

- ADAMI, João Spadari. *História de Caxias do Sul: 1864-1962*. Caxias do Sul: São Miguel, s.d., v. 1.
- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, J.; STEINFENART. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Edusp, 1998.
- BASTIDE, Roger; FERNANDES Florestan. *Branco e negro em São Paulo*. 4. ed. São Paulo: Global, 2008.
- BOSI, Alfredo. *A dialética da colonização*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- COSTA, Rovílio; BATTISTEL, Arlindo. *Assim vivem os italianos*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: Educus, 1982.
- _____. *Assim vivem os italianos: religião, música, trabalho e lazer*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: Educus, 1983. v. 2.
- DEBENETTI, Valdete Elza Spindler. *Passoio de trem Maria Fumaça: os diferentes olhares*. 2006. Dissertação (Mestrado) – UCS, Caxias do Sul, 2006.
- GARDELIN, Mário. *Juventude: 65 anos de paixão e glória*. Caxias do Sul: Educus, 2000.
- _____. Umbanda. *Jornal Pioneiro*, Caxias do Sul, 12 ago. 1958.
- GARDELIN, Mário; COSTA, Rovílio. *Colônia Caxias: origens*. Caxias do Sul: EST, 1993.
- GARDELIN, Mário; COSTA, Rovílio. *Povoadores da Colônia Caxias*. Caxias do Sul: EST, 1992.
- GIRON, Loraine Slomp. *As sombras do litoro*. Porto Alegre: Parlena, 1994.
- _____. *Caxias do Sul: evolução histórica*. Caxias do Sul: Educus; Porto Alegre: EST, 1977.
- _____. Neri e italianos: rapporti interetnici in Brasile (1875-1925), *Archivio Storico della Imigrazione Italiana*, v. 5, p. 240-255, 2009.
- GIRON, Loraine Slomp; BERGAMASCHI, Heloisa Eberle. *Casas de negócio: 125 anos de imigração italiana e o comércio regional*. Caxias do Sul: Educus, 2001.
- _____. *Colônia: um conceito controverso*. Caxias do Sul: Educus, 1996.
- _____. *Colonos e fazendeiros: imigrantes italianos nos campos de Vacaria*. Porto Alegre: EST, 2001.
- _____. Leituras da imigração. In: DAL BÓ, J.; IOTTI, L.; MACHADO, M. B. P. (Org.). In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE IMIGRAÇÃO ITALIANA E FÓRUM DE ESTUDOS ÍTALO BRASILEIROS, 1999, Caxias do Sul. *Anais...* Caxias do Sul: Educus, 1999. p. 121.
- _____. *Dominação e subordinação: mulher e trabalho na pequena propriedade*. Porto Alegre: EST, 2008.
- GORENDER, Jacob. *Brasil em preto e branco: o passado escravista que não passou*. São Paulo: Senac, 2000.
- HERÉDIA, Vania B. M. *Processo de industrialização na zona colonial italiana*. Caxias do Sul: Educus, 1997.
- HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; GIRON, Loraine Slomp. *Rovílio Costa: homem, obra e acervo*. Porto Alegre: Suliani, 2005.
- IANNI, Otávio. *As metamorfoses do escravo*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1962.

_____. Dialética das relações raciais: Estudo Avaliativo, v. 18, n. 50, p. 21-30. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142004000100003&script=sci_arttext. Acesso em: 13 set.2009.

<http://www.caxias.rs.gov.br/novo_site/distrital/apresentacao.php?codigo=2>. Acesso em: 29 maio 2009.

<http://juvenil.org.br/p_historia.html>. Acesso em: 1º out. 2009.

JORNAL O POPULAR, 1929, p. 2.

LAZZAROTTO, Valentim. *Pobres construtores de riqueza*. Caxias do Sul: Educus, 1981.

MACHADO, Maria C. Abel. *Construindo uma cidade: história de Caxias do Sul – 1875/1950*. Caxias do Sul: Maneco, 2001.

MAESTRI, Mário. *O escravo gaúcho: resistência e trabalho*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1993.

_____. *O escravo no Rio Grande do Sul: trabalho, resistência e sociedade*. 3.ed. rev. e atual. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2006.

MANFROI, Olívio. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais*. Porto Alegre: Grafosul, 1975.

POZENATO, Kenia Maria Menegotto; GIRON, Loraine Slomp. *100 anos de imprensa regional: 1897-1997*. Caxias do Sul: Educus, 2004.

ROLNIK, R. Territórios negros: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro. *Revista de Estudos Afroasiáticos*, Rio de Janeiro, n. 17, 1989.

PACHECO, Eliezer. *Colonização e racismo*. Rio de Janeiro: Artenova; Fidene, 1976.

TELLES, Edward. *Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003.

Recebido em 15 de setembro de 2010 e aprovado em 20 de outubro de 2010.